



**GUIA DE SEGURANÇA
PARA JORNALISTAS
NO CONTEXTO DA
CRISE CLIMÁTICA**

SUMÁRIO



SUMÁRIO
CLICÁVEL

APRESENTAÇÃO	4
DEFININDO RESILIÊNCIA CLIMÁTICA	8
COMO DESENVOLVER UM PLANO DE RESILIÊNCIA CLIMÁTICA	11
RECOMENDAÇÕES DE SEGURANÇA PARA A COBERTURA DE EVENTOS EXTREMOS	15
SUGESTÕES DE EQUIPAMENTOS PARA COBRIR CRISES CLIMÁTICAS	20
COBERTURA PARA ALÉM DO DESASTRE	25
CONSIDERAÇÕES FINAIS	28

APRESENTAÇÃO

Florestas inteiras em chamas, enchentes e inundações devastadoras, furacões e ciclones destruidores e ondas de calor intoleráveis. Estas imagens estão cada vez mais frequentes nos noticiários do mundo todo. Fazer cobertura jornalística da crise climática, tem se tornado desafiador, difícil e estressante.

Neste cenário em que eventos extremos se intensificam no planeta, os profissionais da comunicação não somente informam, mas lidam diretamente com as incertezas, anseios e desinformações da sociedade. A função dos veículos de comunicação em situações de catástrofes vai muito além de produzir e entregar as notícias. Os meios jornalísticos tornaram-se canais essenciais de serviço, resgate, apoio direto à população, atuando como elos vitais em um momento de caos e falha dos sistemas convencionais.

No Brasil, em maio de 2024, os jornalistas do sul do país enfrentaram o desafio da cobertura da maior enchente, em extensão, da história do país. O Rio Grande do Sul foi atingido por precipitações que, em algumas cidades, chegaram a 700 milímetros em menos de uma semana. A tragédia afetou 96% dos municípios, deixando 184 mortos, 25 desaparecidos e 806 feridos.

Além de muitos jornalistas também terem sofrido direta ou indiretamente os efeitos das inundações, toda a categoria enfrentou um desafio enorme: orientar a sociedade a como agir em um momento de desespero e incerteza. A cobertura em zonas de risco e a proximidade do sofrimento humano resultaram em crises de saúde mental – quatro em cada dez veículos relataram casos de depressão, burnout e outros transtornos entre os profissionais da equipe.

Um projeto desenvolvido pela Repórteres Sem Fronteiras (RSF) buscou verificar a resiliência climática das redações do Rio Grande do Sul diante da tragédia climática de 2024. A partir das entrevistas, análises e dados coletados, constatou-se que as organizações jornalísticas, em sua grande maioria, não mantinham planos emergenciais ou de contingência para desastres, como orientações para evacuação das redações ou local para o qual a operação seria transferida em caso de eventos dessa natureza.

O desastre no sul do país expôs ainda o despreparo dos veículos diante de uma situação de emergência: três em cada quatro não tinham plano de contingência para orientar suas equipes. Mas também revelou resiliência: colaborações inéditas surgiram entre pequenos e grandes veículos, que compartilharam informações, recursos e materiais para garantir a cobertura.

A catástrofe deixou clara a urgência de criar planos de contingência e de planejamento para coberturas jornalísticas em situações extremas, além da necessidade de treinamentos em termos meteorológicos, climáticos e geológicos para que os jornalistas compreendam melhor os fenômenos e possam explicá-los com precisão.

Este **Guia de Segurança para Jornalistas no Contexto da Crise Climática** traz soluções, práticas e estratégias para jornalistas se sentirem mais informados e capacitados para um trabalho que demanda muita informação e coragem. Além disso, ao preparar, orientar e oferecer boas estruturas, os veículos de comunicação reduzem a vulnerabilidade de seus profissionais e aumentam a resiliência no contexto institucional.

Boa leitura!



Foto: Rafa Neddermeyer/Agência Brasil

APOIO À MÍDIA LOCAL E INDEPENDENTE NO RIO GRANDE DO SUL

Fortalecer a resiliência climática do jornalismo local no Rio Grande do Sul, após as devastações provocadas pelas enchentes, foi o objetivo do projeto da Repórter Sem Fronteiras naquele estado. Iniciada no início de 2025, a iniciativa apoiou oito veículos de comunicação independentes, Nonada, Matinal, Sul21, Agora no Vale, Portal GBC, Grupo Arauto, O Timoneiro e Rádio Encantado, com financiamento em infraestrutura, reposição de equipamentos e fortalecimento de capacidades técnicas.

Uma outra preocupação do projeto foi a busca por meios de resistência sustentáveis considerando crises futuras. A Rádio Encantado, principal emissora de sua comunidade, construiu, por exemplo, um gerador próprio de energia, garantindo não sair mais do ar em situações de apagão. O Agora no Vale instalou câmeras de monitoramento em

pontos críticos de inundação, permitindo coberturas seguras e sem deslocamentos de risco. Outras redações adquiriram drones e equipamentos à prova d'água, reforçando a segurança e a autonomia dos jornalistas em campo. Como ação complementar, foram adquiridos e distribuídos 100 kits de emergência – com itens essenciais para coberturas em situações extremas – para jornalistas de todo o estado, fortalecendo as capacidades de resposta rápida das equipes locais.

O projeto teve ainda uma dimensão de inovação e reflexão sobre o papel do jornalismo na crise climática. Em parceria com Nonada e Matinal, jovens jornalistas produziram uma série de cinco reportagens sobre o impacto ambiental das enchentes e os desafios da cobertura climática no estado, disponível em Nonada – Jornalistas pelo Clima. Um vídeo com depoimentos das mídias beneficiadas, destacando histórias de superação, inovação e compromisso com o direito à informação, também será produzido pela RSF.

Além disso, o processo de diagnóstico desenvolvido com a Associação de Jornalismo Digital (AJOR) resultou em um **mapeamento inédito** sobre os efeitos das mudanças climáticas no ecossistema informativo regional, contribuindo diretamente para os debates do ciclo Pré-COP30 em Brasília, no eixo sobre resiliência climática e liberdade de imprensa.



Conheça o mapeamento

O conjunto dessas ações demonstra como o desenvolvimento de resiliência climática para o jornalismo da região não se limita à reposição material, mas à construção de um ecossistema informativo mais preparado, seguro e capaz de enfrentar os desafios de um cenário ambiental cada vez mais hostil.

1

DEFININDO RESILIÊNCIA CLIMÁTICA

A emergência climática tornou **resiliência** uma *buzzword*, usada nos noticiários, na academia e no jargão corporativo.

Por que?

Resiliência a eventos extremos é a capacidade de adaptação e recuperação diante dos impactos provocados por temporais, secas, inundações e outros desastres.* Construir resiliência significa, portanto, compreender riscos potenciais nos diferentes cenários, tanto em consequências visíveis da mudança climática quanto naquelas prováveis de acontecer, e desenvolver e implementar planos para dirimir esses riscos ou resistir aos eventos climáticos.

**Definição do Painel Intergovernamental sobre Mudança do Clima (IPCC, na sigla em inglês).*

Eventos extremos expõem jornalistas e outros profissionais a riscos físicos, urbanos, materiais e

psicológicos. Desde a falta de **condições básicas por interrupções de abastecimento de internet**, de **luz e/ou água nos escritórios** ou **perda de equipamentos pessoais**, até **contratações precárias** e **falta de informação** podem causar problemas e vulnerabilidades em momentos de crise.

Nas redações jornalísticas, resiliência envolve uma combinação de desafios de cobertura e de fatores organizacionais, infelizmente ainda pouco considerados. Alguns dos principais obstáculos constatados:



Evacuações das redações: falta de plano emergencial com orientações para evacuação e previsão de locais para transferência da operação em caso de desastre.



Veículos de comunicação desatualizados: a ausência de cobertura sistemática sobre mudança climática dificulta a percepção de riscos e implementação de uma política de resiliência.



Crise financeira e de estrutura: equipes limitadas, baixos orçamentos e, conseqüentemente, maior predisposição aos impactos materiais e operacionais.



Contratação precária: profissionais mal remunerados, sem direitos trabalhistas, alta rotatividade e falta de capacitação sistemática aumentam a vulnerabilidade da força de trabalho.



Jornalistas sem especialização:

falta de qualificação em gestão de riscos e em mudanças climáticas leva à dificuldade em compreender o contexto, identificar fontes relevantes e perceber perigos iminentes.



Dependência excessiva de fontes oficiais:

tornam a apuração limitada e sem a complexidade que a cobertura exige para gerar mais conscientização social sobre riscos e ações necessárias para enfrentamento.



Cultura jornalística do evento imediato:

ao não abordar causas estruturais e prevenção, a cobertura contribui para a suscetibilidade da sociedade e do próprio ecossistema de notícias.



Desinformação: em momentos de crise pode criar ou amplificar situações que exponham ou vulnerabilizem pessoas e lugares. Um exemplo é o uso equivocado de termos meteorológicos, como se referir a um ciclone, quando na verdade ocorrem chuva, enchurrada e enchente, levando a população a se preparar para um evento diferente do previsto.



2

COMO DESENVOLVER UM PLANO DE RESILIÊNCIA CLIMÁTICA

Um bom começo para planejar a resiliência climática de uma organização jornalística é compreender quais atualizações se fazem necessárias para um contexto de desastre.

Protocolos de segurança e contingência são fundamentais para que equipes jornalísticas possam agir nos cenários de desastres. O ciclo sugerido a seguir com cinco etapas, organizado pelo [US Climate Resilience Toolkit](#), e detalhado abaixo, visa a ajudar na estruturação de um plano de resiliência climática nas organizações.



Acesse o kit



Fotos 1 e 2: alagamentos no Rio Grande do Sul em 2024. Foto 3: seca na região Amazônica. Foto 1: TV Brasil. Fotos 2 e 3: Rafa Neddermeyer/ Agência Brasil



Embora possa parecer complexo, este plano pode ser adaptado para veículos de diferentes tamanhos e realidades.

Confira o passo a passo:

Antes de tudo Estruture a equipe: quem será o líder (ou os líderes) e qual o time responsável por criar este plano, se possível, pessoas de diferentes áreas.



1 Compreenda a exposição

Crie um inventário de tudo que seu escritório precisa para continuar funcionando em caso de enfrentamento de eventos extremos, bens físicos, infraestrutura e pessoas.

Liste os desastres já ocorridos e com chances futuras, como enchentes, incêndios, alagamentos. Importante: cientistas locais normalmente já possuem isso mapeado.

Crie, agora, uma **matriz**: em uma planilha, a coluna da esquerda lista os itens para o funcionamento da organização e a coluna superior, os riscos de desastre. Em cada célula, responda se aquele recurso pode ser afetado por aquele risco.



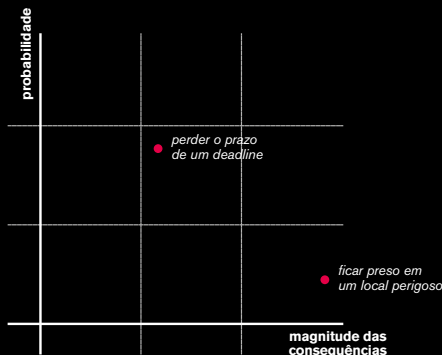
2 Avalie vulnerabilidades e riscos

Avalie a vulnerabilidade maior ou menor de cada recurso a partir da sensibilidade a determinado desastre e da capacidade de adaptação.

Monte uma planilha com os recursos na primeira coluna e, nas seguintes, impacto potencial, sensibilidade, capacidade adaptativa e vulnerabilidade. Descreva o impacto potencial de cada risco no recurso e classifique os itens acima como alto, médio ou baixo.

Próximo passo: entender o risco, o que envolve uma relação entre a probabilidade de um perigo (*hazard*) acontecer e os custos (financeiros ou não) associados caso este perigo ocorra.

Para isso, crie uma tabela de 3 x 3, com o **eixo x** representando a magnitude das consequências e o **eixo y** a probabilidade de ocorrer. Para todos aqueles recursos que foram identificados com vulnerabilidade média ou alta, posicione-os em algum dos nove blocos da tabela. Os que devem merecer maior atenção são aqueles em algum dos blocos alto-alto ou médio-alto.





Investigue opções

3

A partir dos riscos e vulnerabilidades mapeados, reúna uma lista de estratégias que poderiam reduzi-los.

Analisar eventos extremos passados pode ajudar a revelar soluções em potencial.

A partir da realidade do seu veículo atualmente e no futuro, avalie as consequências de implementar cada uma das estratégias. Classifique-as: factível, potencialmente factível ou não factível.



4 Priorize e planeje

Para cada ação que acredita ser possível implementar, avalie os itens abaixo e só avance nas ações com respostas positivas:

Os benefícios são superiores aos custos? Quais profissionais precisam ser envolvidos?

Qual o custo-benefício? Estime o valor de ter um risco reduzido ou um cenário de mais resiliência e outros benefícios.

Quais os custos financeiros atrelados? O valor desses benefícios é comparável, ou maior, do que o custo de implementar o projeto?



5 Tome medidas

Comunique as ações claramente ao restante da organização. Se alguma ou algumas soluções não se encaixarem nos objetivos mapeados anteriormente, sempre é possível alterá-las. Só não vale desanimar!



Foto: Rafa Neddermeyer/Agência Brasil

RECOMENDAÇÕES DE SEGURANÇA PARA A COBERTURA DE EVENTOS EXTREMOS

3

As recomendações a seguir são essenciais para a segurança dos jornalistas envolvidos diretamente na cobertura de eventos extremos. Foram preparadas a partir da reunião de documentos de organizações como a Repórteres Sem Fronteiras (RSF), o Comitê para a Proteção de Jornalistas (CPJ), a James Fowley Foundation e o Instituto Reuters para o Estudo do Jornalismo.

Planejamento prévio e avaliação de risco

O primeiro passo para uma cobertura segura é fazer uma avaliação de risco completa, detalhando potenciais perigos à saúde e procedimentos de evacuação médica:

- As condições de segurança e de saúde do destino
- As condições do clima e eventuais questões específicas
- Autoridades-chave na localidade
- Serviços de emergência e outros contatos que possam ser acionados em uma emergência

ATENÇÃO!

Não vá para campo se não estiver seguro de suas capacidades físicas atuais:



Faça curso de primeiros socorros com atualizações periódicas.

Mantenha exames de rotina e todas as vacinas em dia.



Tipo sanguíneo e outras informações sobre a saúde, como remédios de uso diário e alergias a medicamentos, devem permanecer registrados junto aos documentos de identidade.



Em caso de utilização de medicação regular, tenha ainda cópia da receita com o nome genérico e embale pelo menos o dobro da quantidade necessária para a viagem.

Seja realista sobre seus próprios limites físicos e emocionais e peça ajuda profissional sempre que necessário, lembrando que uma cobertura pode se prolongar, exigindo mais tempo de casa.



Segurança no local

Monitore constantemente a previsão do tempo, que pode mudar rapidamente, exigindo uma alteração imediata de planos. Em casos de viagens para cobertura de desastres, sempre que possível, conte com equipe de apoio na redação:

- Identifique uma acomodação segura com acesso a comida e água. Muitas vezes é mais seguro ficar fora do epicentro da destruição e se locomover à área afetada.
- Verifique se a acomodação está longe de áreas propensas a inundações, como pontos baixos, depressões e leitos de rios secos.
- Ao reportar em meio a tempestades, evite locais com grandes janelas de vidro ou telhados de chapas de metal corrugado.
- Tenha uma estratégia de saída pré-planejada e acesso a transporte confiável e independente, lembrando que poderá ficar sem acesso a transporte público e táxis.

ATENÇÃO REDOBRADA PERTO DE ÁGUAS DE INUNDAÇÃO:

- Quinze centímetros de água são suficientes para derrubar uma pessoa.
- A água chega mais rapidamente do que parece.
- Andar em áreas inundadas à noite é muito perigoso, evite ao máximo
- Cuidado ainda com bueiros abertos, cabos de energia caídos e animais selvagens soltos e em pânico.

Foto: Rafa Neddermeyer/ Agência Brasil



Comunicação

Um plano de comunicação claro é componente chave da segurança.

- Faça atualizações regulares sobre seus próximos passos e sua localização com a redação durante sua permanência na área de desastre.
- Notifique quaisquer alterações no itinerário planejado ou na rota de fuga de emergência.
- Avise, sempre que possível, autoridades locais sobre a sua localização.
- Ative um aplicativo de geolocalização em seu celular, para que sua posição possa ser rastreada enquanto reporta.



Saúde e higiene

Em zonas de desastre, água parada é um risco para a saúde, pois pode estar contaminada com esgoto e produtos químicos perigosos, disseminando doenças infecciosas. Cuidados para não adoecer são fundamentais, até porque as instalações médicas podem estar sobrecarregadas ou inexistentes:

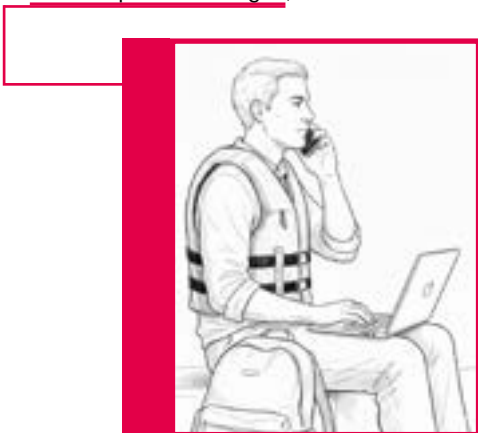
- Higienize as mãos regularmente
- Verifique a procedência da água consumida

- Nunca exponha feridas abertas à água da inundação
- Higiene pessoal deve ser mantida para evitar adoecer. Se faltar água limpa, use lenços umedecidos.
- Roupas de manga comprida e botas de plástico fáceis de limpar também podem fornecer uma camada de proteção.

Cuidados psicológicos

As organizações de notícia devem auxiliar seus profissionais a terem acesso a recursos como acompanhamento psicológico, além de acomodações para os profissionais mais afetados.

- Fique alerta aos sinais de trauma em si e nos colegas: dificuldade de concentração, irritabilidade incomum, pensamentos ou imagens intrusivas, perturbação constante do sono, isolamento social.
- Estratégias para ajudar no enfrentamento: manter conexões sociais, programar tempo de recuperação, buscar apoio de colegas, fazer sessões de terapia.



4

SUGESTÕES DE EQUIPAMENTOS PARA COBRIR CRISES CLIMÁTICAS

A lista de equipamentos para cobertura de eventos extremos sugerida na sequência foi organizada em dois níveis de importância. A incorporação e a seleção de quais equipamentos serão necessários irão depender do tipo de evento extremo da cobertura jornalística. Alguns dos objetos sugeridos exigem familiarização antes dos momentos de crise.

Esta lista foi desenvolvida a partir das necessidades identificadas durante as coberturas jornalísticas das enchentes de 2024 no Rio Grande do Sul. Tendo como base esses itens, a **Repórteres Sem Fronteiras (RSF)** distribuiu, até o momento, 100 kits para jornalistas e meios locais.



PRIORIDADE 1

Equipamentos jornalísticos:

- Câmera com proteção contra água.
- Microfone para aparelho celular.

Água: entre 3 e 4 litros por pessoa por dia e para pelo menos três dias, principalmente em situações em que fontes de água podem ter sido prejudicadas. Considere também canudos filtrantes ou tabletes de purificação.

Comida não perecível: foque em itens de alta caloria como barras energéticas, enlatados (carne, atum, frutas), nozes, frutas secas e pasta de amendoim.

Kit de primeiros socorros: curativos/bandagens de vários tamanhos, gaze estéril, curativos oculares, lenços/creme antisséptico, analgésicos (paracetamol, ibuprofeno), fita

adesiva, tesoura, pinça, luvas descartáveis e potencialmente um termômetro. Inclua prescrições pessoais (pelo menos para uma semana, idealmente duas), cópias das receitas e quaisquer necessidades médicas específicas.

Lanterna/lanterna de cabeça e pilhas extras: essencial quando falta energia. Considere modelos LED, duráveis e à prova d'água. Uma lanterna a dinamo é um backup sem a necessidade de bateria.

Dispositivo de comunicação e energia:

- **Telefone celular e carregador:** seu método de contato primário.
- **Powerbank/baterias extras:** crítico para manter telefones carregados quando não há energia. Opte por um mínimo de 10000 mAh. Lembre de levá-las carregadas.
- **Fone de ouvido:** durante a cobertura de rua, é importante para ouvir áudio e, a depender do contexto/ruído no entorno, ajuda a escutar e a compreender melhor.
- **Telefone por satélite:** opções para caso a rede regular falhe.
- **Rádio portátil a pilha ou manivela:** para receber transmissões de emergência e atualizações meteorológicas.

Dinheiro em espécie: crucial quando sistemas de pagamento eletrônico falham.

Documentos importantes (cópias e originais):

- Identidade de imprensa/credencial, carteira de motorista, passaporte
- Cartões de seguro
- Certidão de nascimento, registros de vacinação, documentos familiares importantes

- Listas de contatos de emergência (trabalho e pessoal)
- Detalhes bancários/cartão de crédito
- Mantenha cópias físicas em uma bolsa impermeável/à prova de fogo e cópias digitais seguras (armazenamento em nuvem criptografado ou dispositivo separado)

Mochila: resistente e fácil de carregar.

Considere capas impermeáveis.

Vestuário e calçado apropriados:

- Botas resistentes, fechadas, impermeáveis e com suporte para o tornozelo. Evite calçados que saiam facilmente. Jardineiras para áreas de inundação intensa.
- Camadas adequadas para clima variável: jaqueta de chuva/poncho, chapéu (sol/calor), luvas, meias/roupa íntima extra. Evite materiais inflamáveis como nylon. Fibras naturais ou tecidos que absorvem umidade são geralmente melhores.

PRIORIDADE 2

Equipamento de Proteção Individual (EPI), dependente da situação:

- **Capacete:** esportivos robustos (de escalada, skate) para distúrbios civis ou zonas de desastre, e de grau balístico para zonas de conflito.
- **Máscaras (poeira/respirador):** máscaras N95 ou melhores (FFP2/FFP3) em ar contaminado, poeira ou fumaça. Respiradores de rosto inteiro/meio rosto com filtros apropriados contra gases (como gás lacrimogêneo) e partículas, mas exigem vedação firme (sem pêlos faciais) e podem ser incômodos.
- **Luvas:** de trabalho ou de nitrilo (sem látex).
- **Colete de alta visibilidade:** em ambientes com pouca luz ou perto de tráfego/operações de resgate.

- **Protetor solar e repelente de insetos:** sobretudo em locais com temperaturas elevadas.
- **Multiferramenta ou canivete:** tesoura, alicate, faca, chave de fenda, abridor de latas.
- **Material de higiene:** lenços umedecidos, álcool 70% para mãos, sabão, papel higiênico, sacos de lixo com fechos, escova/pasta de dentes, absorventes.
- **Fita adesiva:** para reparos ou fixação de itens.
- **Apito:** de metal para sinalizar por ajuda se estiver preso ou perdido.
- **Cobertor de emergência:** cobertor térmico leve para calor/choque.
- **Mapas:** físicos da área local em caso de falta de sinal de internet.
- **Bloco de notas e caneta/lápis:** para quando os eletrônicos falham.
- **Isqueiro ou fósforos à prova d'água:** para acender fogo (se seguro e necessário).

CUIDADO! NÃO SE TORNE UM FARDO PARA RECURSOS LOCAIS SOBRECARRREGADOS OU ESFORÇOS DE RESGATE!

- Tenha como objetivo ser autossuficiente por pelo menos 72 horas, pois a ajuda pode demorar.
- Faça treinamento em primeiros socorros e se familiarize com o uso do EPI.
- Verifique datas de validade de comida, água, remédios, pilhas.
- Carregue eletrônicos e atualize o conteúdo com base nas necessidades ou estações do ano.
- Guarde os kits em local acessível.
- Evite trabalhar sozinho em ambientes perigosos.

5

COBERTURA PARA ALÉM DO DESASTRE

O aumento da frequência de eventos extremos e, conseqüentemente, das coberturas jornalísticas sobre o assunto, deixa claro:

O clima não pode mais ser considerado uma pauta política distante, desconectada do cotidiano da população.

E mais: para que os jornalistas consigam trabalhar com competência, aprofundamento e de maneira adequada, **é fundamental que a direção dos veículos dê a importância que o tema merece.**

Com base em entrevistas com a pesquisadora em comunicação ambiental **Eloisa Loose** e com o jornalista **Kyle Pope**, cofundador do observatório **Covering Climate Now**, seguem algumas orientações importantes para coberturas de eventos extremos para além da tragédia:



Saiba mais sobre Eloisa Loose



Visite o LinkedIn de Kylie Pope



Conheça o site oficial da organização

Pauta conectada: o tema ambiental deve ser relacionado às áreas de política, economia etc. com possibilidades de diversos enquadramentos.

Abordagem sistêmica e crítica: desde as origens do desastre até possíveis soluções e fase de reconstrução, avaliando se as medidas são de fato resilientes. Atenção: o foco deve ser nas questões ambientais, mas os impactos negativos e mais devastadores sempre atingem as comunidades mais vulneráveis, perpetuando uma situação de injustiça climática.

Formação dos jornalistas: uma base consistente de informações sobre meio ambiente e circunstâncias que podem levar a desastres. Lembrando que, muitas vezes, o poder público tem informações desconhecidas sobre o que está acontecendo.

Compreender as políticas públicas que regem as cidades é fundamental para entender o uso do espaço urbano, algo tão conectado aos eventos extremos.

Treinamentos personalizados para a realidade local e para a proposta editorial de cada veículo, em vez de cursos genéricos que podem ter um efeito limitado.



Foto: Bruno Peres/ Agência Brasil

Ampliação e diversificação de fontes, para não ficar dependente exclusivamente de fontes oficiais, como a Defesa Civil, que pode ter a divulgação de informações limitada por protocolos internos. Pesquisadores locais, técnicos de órgãos ambientais, conselhos profissionais e movimentos e projetos que discutem vulnerabilidades são importantes fontes para tratar a informação de maneira mais completa.



FONTES PARA COMPREENDER A GESTÃO DE RISCOS E DESASTRES

Centro Nacional de Gerenciamento de Riscos e Desastres (Cenad)



Secretaria Nacional de Proteção e Defesa Civil (Sedec)



Coordenadorias Estaduais de Proteção e Defesa Civil



Coordenadorias Municipais de Proteção e Defesa Civil

Ministério Público



Tribunal de Contas



Cruz Vermelha Brasileira



Agência da ONU para Refugiados (ACNUR)



Médicos Sem Fronteiras



Agência dos Estados Unidos para o Desenvolvimento Internacional (USAID)



Colaboração entre colegas: Uma rede de apoio pré-existente pode ser vital para a continuidade da cobertura jornalística durante uma emergência. Estas colaborações devem ser estabelecidas antes dos momentos de crise.

Descentralização: É fundamental entender o global, mas não menos importante as vulnerabilidades específicas do local onde irá fazer a cobertura. Para isso, faz-se necessário mapear, com antecedência, os pontos críticos de infraestrutura, como estradas e rodovias que podem ser afetadas, além de conhecer os planos das autoridades para essas situações.

- **Localize:** a cobertura climática deve girar em torno do que está acontecendo na comunidade do leitor, não em relatórios ou eventos em outras partes do mundo.
- **Humanize:** Não foque apenas em dados e pesquisas. Entreviste as pessoas e conte suas experiências, respeitando, obviamente, as circunstâncias e limites de cada um e a disponibilidade ou não de dar declarações.
- **Ofereça soluções:** evite cobertura sombria e apocalíptica. É crucial mostrar que há ações e soluções que podem ser tomadas – muitas que, inclusive, já existem e não precisam ser inventadas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os veículos de comunicação devem sempre priorizar os cuidados com as próprias equipes. O suporte eficiente aos profissionais é fundamental não somente para que a cobertura seja realizada com sucesso, mas para que, caso o desastre climático se estenda por vários dias, o que em geral acontece, os jornalistas estejam amparados e se sintam seguros para atuar com o empenho e a precisão que as circunstâncias exigem.

A apuração de desastres climáticos exige a necessidade de se noticiar não somente o que foi previamente checado ou constatado in loco pela equipe, mas garantir informações mais amplas, a partir de fontes confiáveis. Vale enfatizar os principais cuidados que os veículos de redação devem tomar para cobertura jornalística atenta à cultura do cuidado:

- Desenvolver plano pessoal e profissional de contingência
- Propiciar treinamento regular em lidar com desastres
- Estabelecer rotina para emergência, inclusive em termos de infraestrutura, como uma redação alternativa
- Firmar parcerias prévias entre veículos para, em caso de desastres, compartilhar de recursos
- Estabelecer redes de apoio entre jornalistas e entre veículos para compartilhar melhores práticas
- Fora do contexto de desastre, estabelecer linhas de colaboração com o poder público para os momentos críticos

Os jornalistas, por sua vez, devem ter todos esses cuidados garantidos e seguir, sempre que possível, as orientações apresentadas neste Guia.

Respeite, sobretudo, seus limites físicos e mentais!

Ao se colocar em situações de risco, não raro frente a frente com desgraças ambientais e sofrimentos humanos, faça um esforço consciente para estender a si a empatia que tem por seus entrevistados. Nas coberturas que duram dias, sempre que perceber cansaço e estresse excessivos, peça ajuda, avise suas condições a um colega ou superior e, se necessário, não hesite em pedir para ser substituído.

Fique atento também às cobranças exageradas que trazem a sensação de que é somente seu o dever de informar e garantir a segurança da comunidade atingida. O bom jornalismo e sua atuação são, sem dúvida, fundamentais nos momentos de desastres climáticos. Mas há sempre limites pessoais, tanto emocionais quanto físicos.

Preste atenção aos seus limites, tome todos os cuidados necessários para manter sua segurança e ótimo trabalho!

— FICHA TÉCNICA

Diretor Geral: Thibaut Bruttin | Diretora Editorial: Anne Bocandé |

Diretor do Escritório da RSF para a América Latina: Artur Romeu |

Coordenação Editorial e Textos: LNera Comunicação e Patrícia Negrão

| Revisão: Bárbara Figueiredo e Thiago Mattos Moreira | Projeto Gráfico

e Diagramação: Pabline Felix/Amí Comunicação & Design | Ilustrações

co-criadas com o Gemini

